

A NOVA ROUPAGEM DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA: EM FOCO O VIRTUAL NA OBRA “O COLAPSO DOS BIBELÔS”

Lucas Emanuel Vilarinho Miranda¹
Diógenes Buenos Aires de Carvalho²
(Universidade Estadual do Piauí - UESPI)

RESUMO: O presente trabalho corresponde a uma parte da pesquisa PIBIC/CNPq (2012-2013) *A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ENTRE O IMPRESSO E O VIRTUAL*. O foco do trabalho é a análise da obra *O Colapso dos Bibelôs*, de Índigo (Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira), que pertence à série Rumos na rede. A obra assim como a série é uma tentativa de estimular os alunos a refletirem sobre os temas associados ao ciberespaço e as relações sociais da contemporaneidade propondo novos horizontes de expectativa ao leitor. O estudo dessa obra possibilita uma visualização como tem procedido à produção das atuais obras de literatura infanto-juvenil que dialogam com o universo *virtual* e com a *cibercultura*, tomando estes termos de acordo com as concepções de Levy (1996,1999). Na análise destacamos as diferentes estruturas da obra (linguagem, estética, imagens, temáticas), que possam atrair o atual público infanto-juvenil leitor, o qual está vinculado ao virtual e as novas tecnologias, em especial, no que diz respeito à leitura eletrônica, conforme Hayles (2009). *O Colapso dos Bibelôs* é a obra que tomamos como referência para essa nova geração de obras impressas que mantém um diálogo com a contemporaneidade dos leitores. Destacamos, por fim, as formas de leitura que têm sido por várias vezes mutabilizadas ao longo da história, consoante Chartier (2000).

PALAVRAS-CHAVE: *Ciberespaço. Literatura Infanto-juvenil. Contemporaneidade. Leitura. Novas Tecnologias.*

INTRODUÇÃO

A cibercultura é entendida “como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 1999, p. 17)

O processo de escrita é bastante antigo, remonta os primórdios, e ao longo da história tem sido atualizado e modificado pelos autores e leitores, e pelos novos suportes concretizadores do ato da escrita. O suporte, o meio em destaque aqui, é o suporte digital, em um meio virtual, o meio “ciber”. Habita-se no “ciber”, hoje ele é o centro; o ciberespaço, desenvolvido na cibercultura. É hora de estar atento a esse virtual tão real.

¹ Graduando em Letras Português. UESPI- CCM. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: mefibosetedavi@hotmail.com

² Doutor em Letras (PUCRS). Professor da Universidade Estadual do Piauí. Orientador. E-mail: dbuenosaires@uol.com.br

Os novos suportes de propagação da literatura e da informação em geral, os suportes eletrônicos são um ponto crucial na história de toda escrita/leitura. De acordo com Chartier (2000) esses suportes proporcionaram a terceira grande revolução no processo histórico da leitura, a revolução que ocorre com a transmissão eletrônica. Essa revolução é importante, pois a mesma mutabiliza as formas de se fazer e de se ler o texto, modificando assim, texto e leitor. A propagação massiva da escrita/leitura eletrônica, há muito tem sido suposta como a futura veiculação da morte do livro impresso; o que segundo Barbosa (1996), Santaella (1996) e Zilberman (2008) não vai acontecer, pois “a produção de novas formas de interação com a palavra sugere que os sistemas semióticos devem ser integrados e se tornar interdependentes e que o sistema capitalista deve definir um novo nicho para o livro, respectivamente”, conforme Carvalho (2011)

Lévy (1999) destaca esse novo meio, esses novos suportes como sendo o segundo dilúvio (o das informações), onde se deve aprender a nadar a favor da correnteza sem se deixar levar cativo a ponto de se tornar tão passivo que venha submergir e ser afogado pela quantidade, que se não bem selecionada com certeza diverge de qualidade. É válido destacar que esse dilúvio informacional traz impactos sobre a sociedade em geral, principalmente no referente às culturas das sociedades. Lévy se coloca a favor da cibercultura, da rede, pois analisa-a como bastante favorável a inteligência da sociedade, sendo a cibercultura, o ciberespaço, um espaço de interação intelectual, uma inteligência coletiva que possibilita, condiciona, mas não determina os comportamentos e hábitos da sociedade.

Todo esse discurso de cibercultura como sendo todo esse meio fluido, possibilitador de uma quantidade como que infinita de informações, quando atrelada ao ensino e propagação da literatura é fantástico. Os alunos em geral hoje passam muito tempo navegando na internet, no computador, então faz-se necessária uma valorização da literatura nesse meio, valorização que tem se proliferado dia após dia, pois até mesmo os grandes autores mantêm sites e blogs na ativa com suas publicações, informações, textos, a fim de também se achegarem mais a essa nova classe de leitores. José Nicolau Gregorim Filho (2009) trata sobre essa necessidade de aproximar a literatura dos alunos por meio do computador que é o lugar onde eles agora mais costumam estar.

CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA *O COLAPSO DOS BIBELÔS*, DE ÍNDIGO

O Colapso dos bibelôs, de Índigo, compõe a série *Rumos na rede* que foi concebida para criar espelhos ficcionais que ofereçam aos jovens a possibilidade de refletir sobre

importantes temas associados à definição da própria identidade e o impacto que a “vida” no ciberespaço tem nesse processo. A série traz a reflexão acerca da adaptação ao novo meio e a dependência do ser humano às inovações tecnológicas, um ser que se adapta a um determinado contexto, ter-se-á a partir dessa adaptação uma discussão sobre o estilo de vida adotado pelas pessoas a partir dessa adaptação e/ou dependência dos suportes no meio em que se encontram, a respeito disso é importante refletir sobre a seguinte postulação:

A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. (BAUMAN, 2007)

Esse conceito de vida líquida é comparado à adaptação que às pessoas tem hoje ao novo meio moderno em que estão inseridas.

Para a coordenadora da série *Rumos na rede*, Maria Luiza Abaurre, a autora Índigo quer trazer o adolescente para uma reflexão sobre a atualidade humana onde a crise não se daria pelo colapso das redes de conexão e sim na consciência das pessoas que perceberiam estarem vivendo uma farsa. A partir daí acordarem para o mundo real, deixando de lado a dependência dos meios e esse vazio que o ser humano tenta esconder atrás dessa dependência absurda em relação a esses suportes e meio virtuais, e às redes de conexão. A história é instigante, pois se amplia ao mostrar que não é apenas a realidade da personagem Danilo, mas uma realidade geral para a atual geração que vive “a cada dia patinando sobre um terreno movediço e desconhecido de uma sociabilidade estranha e frágil, pois ainda é recém-nascida” (ÍNDIGO, 2008, p, 09).

A escritora Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira², conhecida como Índigo, nasceu em Campinas, mas logo se mudou com a família para a Alemanha, onde principiou a falar alemão. Voltou para o Brasil e enquanto esteve no colegial foi estudante de escolas de classe média alta, a exemplo, Dom Barreto, em São Paulo. Começou a cursar Letras na Unicamp, porém não se identificou com o curso, então foi para os EUA para cursar Jornalismo na Universidade de Rochester, Minesota, onde ganhou seu apelido “Índigo” por trabalhar no Índigo Cybercafé, apelido que a autora usa como pseudônimo. Ao concluir o curso, ela volta para o Brasil e consegue seu primeiro emprego, publicando periodicamente em um importante jornal de internet, daí decide assumir de vez a carreira de escritora. É com o livro *Saga animal*, publicado em 2001, que a escritora estreia no mundo da escrita. Posteriormente, escreveu diversas obras, e em 2006 ganha o 1º prêmio, *Literatura para Todos*, do Ministério

da Educação³. Em 2008, lança a obra *O colapso dos Bibelôs*, e continua escrevendo, a exemplo de algumas outras obras: *Perdendo perninhas*, *Como casar com André Martins*, *A maldição da moleira*, e *Cobras em compotas*. A autora mantém seu site www.livrosdaindigo.com.br onde se podem encontrar suas obras e agenda.

A obra *O colapso dos bibelôs*¹ é narrada em primeira pessoa pelo adolescente Danilo, que se vê em meio a um colapso geral da telefonia, devido ao nível de sobrecarga e falta de estrutura, faliu em todo o país. Em consequência dessa falha, a internet também deixou de funcionar em meio a uma importante conversa de Danilo no MSN, que poderia ter um resultado importante na vida do garoto, mas aí surge a pergunta: Como será a resposta das pessoas frente a esse colapso? A obra busca trazer o adolescente a uma reflexão sobre a extrema dependência dos relacionamentos pessoais por meio do ciberespaço.

SOBRE O PROJETO GRÁFICO DE *O COLAPSO DOS BIBELÔS*, DE ÍNDIGO

A obra *O Colapso dos bibelôs* foi escolhida para ser analisada devido a sua multiplicidade temática e riqueza contextual, além de ter o perfil das produções que essa pesquisa enfoca. Inicialmente, pode se ressaltar o projeto gráfico da obra possui um caráter singular, atraente, e diferente, devido ser impresso em modo paisagem e com estrutura encadernada, um facilitador do conforto e praticidade na leitura, além de cores bastante chamativas.

Para Camargo (1995), o projeto gráfico “é o planejamento de qualquer impresso: cartaz, embalagem, folheto, jornal, revista e etc.”. Esse corpo estrutural do texto é algo importante, visto que proporciona a primeira impressão do leitor sobre o livro. Sendo que a estrutura da obra apresenta características de um blog, gênero virtual de comunicação, próprio desse universo ciber, desse ciberespaço. Em vista disso, o projeto gráfico atrai o adolescente ao livro como se fosse uma rede social virtual, os comentários em formas de *posts* ao lado da página, e ainda as imagens que as páginas iniciais de cada capítulo trazem juntamente com o conteúdo no centro. Esses elementos são, sem dúvida, formas de deixar o adolescente mais a vontade em seu meio, além de “inovar” ao trazer características do virtual que vai atrair para o impresso.

O formato das páginas que são dobráveis sobre si próprias é também bastante sedutor, onde cada página corresponde a outras três equivalentes, exigindo do leitor uma mobilidade e contato constante com a estrutura física do livro, o que torna a leitura mais dinâmica.

A multiplicidade de cores não é comum nos livros dessa faixa etária, porém nessa obra, ainda que mantendo um padrão, a multiplicidade é perceptível. A divisão das cores no livro ficou dessa forma: os títulos em roxo, as datas em vermelho e o enredo em preto, e ainda uma multiplicidade de cores nas imagens, além da variação de forma das letras. Quanto a essa estruturação gráfica pode-se ainda ressaltar o uso do símbolo de movimento de um arquivo virtual, uma mãozinha, que é colocada quando muda de assunto, ou quando há uma alteração temporal.

A primeira parte do livro, *Ciberespaço: a fronteira final*, é escrita por Maria Luiza Abaurre, que dá uma dimensão do conceito de ciberespaço hoje e suas influências sobre a vida das pessoas em perspectivas globais. A estrutura do blog, na qual é espelhada a obra, vivifica a leitura tornando-a mais fascinante. A autora aborda os temas em forma de comentários, “posts”, por meio destes ela aprofunda as discussões. A obra leva o leitor a analisar o impacto dos meios de comunicação virtuais nos vínculos afetivos. O que fica mais explícito é que não se pode prescindir do toque, do contato físico numa relação com os outros.

De início, antes do primeiro capítulo há a imagem de um garoto, que está envolto por uma atmosfera musical, advinda dos fones de ouvido que está utilizando, o que revela a introspecção da juventude de hoje, inebriada com sua individualidade, sem sequer atentar para o que está a seu redor, para o que está se passando. Um estado de introspecção que mais parece individualismo, porém no decorrer do livro perceber-se-á que eles estão mais presos que livres, presos em um padrão de sociedade onde um *emoticon* de bom dia é mais valorizado que um abraço. Ver-se-á a personagem Danilo expor suas experiências, opiniões e expectativas sobre o leitor de *O colapso dos bibelôs*. Outra imagem na ilustração é o Skate, que mostra essa tendência do jovem e adolescentes de se inserir em determinado grupo, esse provavelmente em um grupo de skatistas, além de estarem sempre em busca de adrenalina e aventuras a fim de sair da monotonia que algumas vezes sua realidade lhes oferece.

ENREDO E SEUS COMPONENTES EM *O COLAPSO DOS BIBELÔS*, DE ÍNDIGO

O primeiro capítulo, INTERRUPÇÃO, é iniciado com uma imagem de um menino com chapéu de aniversário, olhando por uma janela à imagem de duas torres, uma pegando fogo e outra com um avião quase entrando em colisão, imagem clássica do atentado às torres gêmeas no dia 11 de setembro de 2001. O que a imagem traz em cascata na mente de quem observa é a visão infantil frente a esses acontecimentos. Devido não ter uma perfeita noção de espaço, quanto à distância, os acontecimentos são todos muito próximos para essas crianças, a

TV, a internet, que hoje é ainda mais eficiente em relação às notícias. Os meios de comunicação têm esse papel de janela para o mundo, daí as crianças associarem essas informações à sua realidade, por mais que os adultos não percebam, elas estão assistindo os noticiários, e participando das notícias. É a função narrativa da imagem entrando em ação.

O capítulo começa com a narração de Danilo que rememora o dia de seu aniversário de oito anos, no dia 11 de setembro de 2001, quando aconteceu o atentado às torres gêmeas. A mãe de Danilo estava preparando os brigadeiros para a festa que ouve a notícia da TV, e ficou visivelmente abatida e cancelou a festa do filho. A criança vendo aquilo tudo na TV e procurando ter um vislumbre da gravidade do problema procura entender a mãe. A partir desse acontecimento são pontuadas temáticas como a violência, o relacionamento dos pais, as questões existenciais, identitárias, os interesses infantis x os interesses dos adultos, as questões religiosas, que confundem a mente dos adolescentes diante da multiplicidade e autoafirmação de cada uma, sendo que é na fase da adolescência que essa carência, necessidade e receptividade por uma fé é fundamentada e concretizada, pois Danilo logo conta que já tem quinze anos.

A obra traz em diversos trechos uma tentativa de aproximação da narrativa com a realidade do leitor, facilitando, assim, esse leitor mergulhar nessa narrativa. Por exemplo, quando o colapso acontece, o “Jornal Nacional” anuncia. E ainda quando Danilo fala do receio frente às demonstrações de alegria da mãe, onde ela parece que a qualquer momento despontará a cantar músicas da Xuxa, citações a Roberto Carlos, Raul Seixas, ou seja, todas questões verossimilhantes que aproximam a obra da realidade.

Quando acontece o colapso Danilo está conectado à internet, e o celular também não funciona assim como o dos pais e o do porteiro. Então, durante o colapso Danilo passava horas a fio digitando no Word, pois era sua única válvula de escape.

O termo *colapso* é visto como pane, caos, e que segundo Ferreira (2000), é uma falência de função, esgotamento, crise. Porém. O colapso das redes de telefonia serve para mostrar o verdadeiro colapso que está ocorrendo, o das pessoas, pessoas que são como bibelôs, enfeites, objetos.

A temática da sexualidade infantojuvenil possibilitada pelo virtual é perceptível, pois Danilo estava em uma conversa no momento do colapso, que poderia decidir o início de sua vida sexual. Em outras diversas partes da narrativa pode-se encontrar essa temática.

Fiquei feito uma besta em frente ao computador até as quatro, esperando a internet voltar. Eu precisava terminar aquela conversa. O início da minha vida sexual podia estar na resposta dela. (ÍNDIGO, 2008, p, 15)

Até um ano atrás, Duna era uma menina como outra qualquer da escola. Então, de uma hora para outra, ela apareceu com seus novos peitos e bunda que brotaram nas férias de julho. Assim, do nada. Depois da erupção daquele mega par de megapeitos, ela nunca mais entrou em um ônibus, porque a verdade é que Duna virou uma gostosa e sabe disso. (ÍNDIGO, 2008. p, 20)

Raquel correspondia à paixão de Mauro tirando a blusa. Teclava só de sutiã branco de renda [...] a moça mal olhava para a câmera. “Chegava a dar uma pontada de dor no estômago de tanto tesão que dava.”[...] até que um dia... vi os peitos mais incríveis que já habitaram esse planeta. É algo impossível de descrever. Eram especialmente lindos porque estavam ali, para mim, disponíveis. (ÍNDIGO, 2008. p, 37)

Note-se que todo esse relacionamento era apenas no meio virtual, já que frente a frente não havia sequer uma palavra, e há uma realização tão grande por parte dos garotos como se fosse real, pois o virtual para eles passou a ser o real, já que era a única realidade que viviam. Eles usam o termo “DISPONÍVEIS”, palavra comumente utilizada no meio virtual para indicar possível acesso a alguém. É uma constante no texto essa referência a termos típicos do meio virtual, contudo utilizados em outros contextos, quando, por exemplo, Danilo diz que quer fazer um *update* em sua personalidade, ou seja, atualizar a si mesmo, se reinventar.

O capítulo dois traz uma imagem, que retrata o caos, desorganização, agonia, incerteza, e desespero. O título do capítulo “Sem previsão” indica desse clima de incerteza, caos, devido à falta de controle. Essa imagem traduz ou pelo menos um pouco do caos, do pânico causado pelo “isolamento” comunicacional no qual as pessoas sentem devido o colapso. Devido alastrar nessas pessoas o sentimento de desconexão, de estar sem nexos no mundo.

O capítulo três, “Anormal”, traz a imagem da diretora no portão da escola, já desde a nomenclatura do capítulo ver-se-á a tentativa de incluir um sentimento de anormalidade na narrativa, que principia pelas ações da diretora que agora com o colapso, haviam entrado em colapso. A imagem anormal das mãos distorcidas, um pé calçado outro não, o aspecto dos pés e pernas da diretora pode facilmente ser classificado como anormal. Há uma conexão entre texto e imagem sempre no início dos capítulos a fim de que o leitor tenha uma compreensão bem mais abrangente do que na significação verbal, vai além, visto que entra na leitura imagética ou não verbal. Literalmente está tudo de pernas para o ar. Essa anormalidade pode também ser caracterizada pelas mudanças de comportamento que são comuns na adolescência.

Raquel desfaz seu casulo e me dá um beijo no rosto. Até o ano passado ninguém dava beijo em ninguém, mas esse ano, sei lá como a gente começou a se cumprimentar com beijinhos. (ÍNDIGO, 2008, p, 23)

Um aspecto bastante importante igualmente é a visão e descrição de tudo e de todos a partir do olhar adolescente.

Chester é o garoto mais mala que conheço. Seus papos não interessam a ninguém. [...] Raquel tem uma auto-estima péssima, ela é uma cabeça mais alta que eu, mas anda feito o corcunda de Notre Dame. (ÍNDIGO, 2008. p,23)
Mauro é monossilábico. Agora só vamos ouvir a voz novamente no final da manhã, quando dirá: “falou”. [...] Ela deixa a frase se perder, nos três pontinhos. Não é uma boa professora. Professor que se preze tem de completar seus pensamentos. (ÍNDIGO, 2008. p, 25)

“Vazio” é o título quarto capítulo, a imagem de calma em meio ao caos. De desconexão, sentimento de falta de algo que lhe preencha, sem a mínima alteração, parece ser um sentimento de imobilidade, que a personagem Danilo remonta no decorrer do capítulo ao falar sobre a possibilidade do fim da telefonia e com ela o fim da vida de várias pessoas que não viveriam sem ela, inclusive ele e o pai. A imaginação adolescente é pluralista e o protagonista exemplifica essa afirmação quando descreve seus pensamentos.

Visto de fora, nosso apartamento é uma caixa preta, o que faz com que eu sempre ache que meus pais estão transando na varanda. Desde então, volto bem devagarinho para casa, para dar tempo de eles terminarem. (ÍNDIGO, 2008. p, 29)

Há uma tentativa de diálogo real com o adolescente, nada de bestialização ou diminuição do padrão informacional, haja vista que Danilo fala o que pensa, da forma que pensa um adolescente.

A necessidade de estar conectado é algo que realmente é vivo em Danilo. Pode-se perceber que a autora quis levantar e intensificar o debate sobre essa questão, no sentido de fazer com que haja uma reflexão sobre a necessidade exagerada que se sente em relação a algo que a qualquer momento pode acabar.

Estar vivo significa estar se comunicando com as pessoas, jogando. Eu me comunicava, interagia, era feliz. Minha mãe achava que eu era um viciado em internet só porque ficava até de madrugada. (ÍNDIGO, 2008. p, 29)

Ontem saí para a rua. Ia enlouquecer se continuasse aqui, desconectado do mundo, da rede, feito um cadáver. Então tomei coragem e desci. Foi péssimo. (ÍNDIGO, 2008. p, 31)

Para Danilo, estar desconectado, estar desprovido dos suportes virtuais é estar nu, sozinho, isolado, morto. A identidade do adolescente não é fortalecida como ele pensa,

através dos perfis criados como se quer, pois o que acontece é uma montagem de um perfil de quem você quer ser e não de quem você é, o que pode acabar com a autoestima do adolescente, vez que termina se sentindo não aceito até por ele mesmo. Danilo comenta em determinado trecho - “sou tão desinteressante que nem as tragédias me atingem” - o que o adolescente, tomando Danilo como referência, quer é ser, estar, participar de algo, alguma coisa, ter motivos, para viver, para lutar e não estar aquém em um mundo tão múltiplo. Ser vazio em meio a uma multiplicidade infinitamente gigante de possibilidades é, sem dúvida, no mínimo frustrante.

O quinto capítulo, “Silence Land” País do silêncio, se refere à continuação do colapso comunicacional. A imagem que abre o capítulo mostra o atual contexto, pessoas olhando em um mural, várias páginas diferentes, são as *lan houses*, isso mesmo, sem internet, as pessoas passaram a escrever seus blogs e pendurar nas paredes das *lan houses*; os donos desses lugares cobravam por hora devido ao fluxo intenso, da mesma forma que outrora era cobrado o uso da internet. Há uma necessidade visível de escrever, de ser ouvido, de participar da rede, de compartilhar ideias, o sistema todo era muito precário, o dono do blog aceitava ou não previamente os comentários que poderiam vir a ser acrescentados em seus blogs, nos murais, ou seja, escritos à mão mesmo, ou quem sabe impressos, porém não em uma rede virtual.

Agora os donos de blogs estavam juntos fisicamente, olhando-se uns aos outros esperando que alguém comentasse suas ideias e argumentos. Tudo isso era muito constrangedor para Danilo que achava indispensável o virtual, que possibilitava a dinamicidade daquele processo, sem contar o limite a que os blogs estavam associados agora, uma vez que só as pessoas que moravam próximas de cada *lan house* é que faziam isso, logo, seus *blogs* prediletos não estavam acessíveis, ele nem sabia em que parte do país eles estavam, nenhum ao seu alcance.

O capítulo seis traz de início a imagem de dois peixinhos remete, segundo Danilo, às proteções de tela de computadores, que no geral trazem uma sensação de calma, paz, silêncio, o que faz sentido devido serem os peixes animais de sangue frio, remetendo a calma. O título do capítulo é “Visitas” e Danilo comenta como se dá o relacionamento com seus “amigos”, quase não há contato físico, um contato calmo, sem muitas alterações e novidades. Por exemplo, a sua amizade com seu melhor amigo, Marcos, pois quando ia à casa de Marcos, este sempre estava sentado em sua poltrona giratória em frente ao computador, Marcos colocava um CD e começava a gravar coisas diversas para Danilo e no momento que seu amigo ejetava o CD Danilo sabia que era hora de ir embora. Um código criado sem tradução.

Jogavam horas e não havia conversas de cunho pessoal. A reflexão sobre a realidade quanto aos amigos é muito pertinente, vários “amigos” que sequer realmente participam de sua vida. O seguinte trecho relata essa situação:

É impressionante minha capacidade de acumular amigos. Tá certo que a metade deles eu nunca vi na vida. Ou seja, são cem rostos conhecidos. Desses cem, só conversei ao vivo com oito. Desses oito, sei onde moram dois. Sendo que no caso do Chester, só sei o prédio, mas não o número do apartamento. Nunca entrei. Ou seja. Só sobra ao Mauro. Estive na casa dele algumas vezes. Para pegar um livro, um CD, um DVD. Devolver isso ou aquilo. Nunca foi à toa. Visitinhas. Ninguém faz visitinhas. Coisa estranha ir à casa do outro fazer visitinhas. (ÍNDIGO, 2008, p, 39-40).

O que se conclui, a partir disso, é que há uma total falta de contato real entre essas pessoas, não são amigos, não são pessoas com quem se poderá contar em um momento de dificuldade, pois não há um contato real entre elas, é um contato virtual. Não que o contato através do meio virtual não seja real, é, pois partem de seres reais, locais reais, intenções reais, entretanto o meio virtual é um possibilitador e não o concretizador em si, faz-se necessário um aperto de mão, um olhar, um abraço. Logo, até que ponto pode-se dar a nomenclatura amigos, para pessoas desconhecidas, cujos vínculos não sejam sequer reais. É interessante a posição de Danilo depois de alguns dias de colapso, ele realmente sabe que é imprescindível o contato com os amigos, que é ruim essa impossibilidade que o virtual oferece, os amigos do Orkut, mais de setecentos onde estão? Nunca mais os viu. Não são amigos. É tudo muito incerto.

Essas mudanças já começam a ocorrer a partir do colapso. Danilo pensa consigo se era apenas ele que sentia essa vontade de estar próximo de alguém de carne e osso, reflete em perguntar para o amigo, que nunca fala, e decide não perguntar e ficar em silêncio, decide não ir mais a casa do amigo, pois Marcos nunca demonstrava gostar ou desgostar de suas visitas. No entanto, no dia seguinte Mauro envia uma carta para Danilo dizendo que havia ficado temeroso de que ele não voltasse mais, eles sabem o que acontece, só não gostam de falar sobre isso, então Mauro conta para Danilo toda sua relação com Raquel, uma menina da escola, que aparece em um trecho citado anteriormente. Danilo realmente vê que Mauro é uma amigo, pois se importa com ele. Tanto que o confiou esse segredo.

O capítulo sete traz a imagem de Danilo deitado em sua cama, o pai sentado com uma guitarra na mão, na beirada da cama, em que se vê uma tentativa de diálogo típica entre pais e filhos. A mãe entra em seguida e senta-se também a beirada da cama e os pais conversam com ele e perguntam se ele está depressivo, pois dormir muito e não sair de casa além de não

conversar, para eles eram sinais de depressão. A imagem traz à memória a típica abordagem descolada que os pais tentam com os filhos quando algo não vai bem, ou apenas uma tentativa de diálogo. A forma como Danilo está na cama é muito múltipla de significados, os pés para fora dos lençóis, indicando o crescimento rápido demais, ou quem sabe o garoto não gosta de dormir todo engomadinho, ou ainda tem muito calor nos pés, manias de adolescente, gerando múltiplas interpretações. A mãe de Danilo diz que “a internet é como qualquer outra droga a abstinência leva à crise de depressão”. (ÍNDIGO, 2008, p, 28)

Bastante oportuna também é a menção que o pai de Danilo faz do livro *1984*, de George Orwell, que é uma forma de estimular os adolescentes a lerem tal obra e conhecer a origem do termo *Big Brother*. E fala breve e estimuladamente sobre o livro. O uso constante de expressões típicas do meio virtual e ainda expressões em inglês, língua mãe da internet, são pontos a serem destacados por darem à narrativa um aspecto bem mais verossímil da realidade virtual.

“O levante”, capítulo relevante para a obra em virtude do sentido que a autora quis trazer nessa obra. Alex, primo de Danilo e astrofísico, chega à casa de Danilo e o convida para um levante depois de terem conversado bastante. Danilo sem entender do que se tratava, porém, cheio de tédio, queria sair e por isso aceitou o convite de Alex. Ao chegarem a uma praça, especificamente a do MASP, Alex tira da mochila uma plaquinha de papelão e a levanta por sobre a cabeça, tinha escrito nela, “FREE HUGS” - Abraços gratuitos, e como Alex, dezenas de pessoas fazem a mesma coisa, todavia muitos com inscrições em outros idiomas. De repente, Danilo não crê no que vê, as pessoas começam a se abraçar de forma tão calorosa tão viva que fica a se perguntar como pessoas que não se conhecem podem fazer aquilo.

Do nada chega a vez de Danilo e quando ele se dá conta há uma menina linda, que segundo a personagem parece uma daquelas garotas de revista, não do tipo que abraça qualquer pessoa, mas sim, essa menina linda abre os braços e o abraça fortemente, quando ela o afrouxa, ele inebriado pelo abraço a aperta junto de si e ela novamente o comprime para junto de si. Danilo só sente vários outros abraços apertando-o mesmo ele ainda estando em seu primeiro abraço, quando se dá por si ele e a garota são o miolo de um imenso abraço grupal, a alegria é indizível. Em seguida, Danilo segue para abraçar outras diversas pessoas e todos os abraços foram únicos e produtores de uma alegria sem precedentes conforme Danilo. O adolescente ainda encontra um amigo, Chester, que diz incessantemente para Danilo que o ama muito, os dois se abraçam longamente.

A escritora Índigo procura ressaltar o poder do toque, do contato físico, e por meio dessa narrativa sugerir que não há nada que substitua o contato físico, um abraço, a formação de um sorriso, o cheiro, sensações que o ser humano necessita sentir, são sensações imprescindíveis para o ser.

O capítulo nove, *O grito*, é facilmente identificado pela imagem que o representa, Um garoto gritando a plenos pulmões, e desse grito surge um coração. O que se supõe é que seja um grito de amor, uma declaração, e é justamente a esse fato que o desenrolar do capítulo irá levar. Mas antes disso, Danilo volta à casa de Mauro e eles saem para conversar, vão até a frente da casa de Raquel, onde ficam decidindo se irão embora ou entrarão; de repente as meninas saem, Danilo acena para Raquel e Duna, Raquel acena de volta, e Duna se põe a sorrir, mas Mauro nem espera e vai embora. Danilo ao sair também sem falar com as meninas grita a plenos pulmões que ama Duna. Um grito que podia ser ouvido minutos depois, que podia ser sentido através do cheiro, e que podia até mesmo ser tocado, e levado para casa pelos pedacinhos que no local ficaram. Ao chegar em sua casa Danilo se diverte numa festa com os pais e tios, coisa que ele nunca tinha feito. Danilo comenta que o mundo físico exige muitas iniciativas, riscos, medos, sensações que o virtual não exige, contudo é imprescindível que se viva essas emoções.

No mundo físico tudo é limitado por tempo e espaço. Você tem a impressão de estar empacado o tempo todo. Tudo exige um esforço enorme. Tudo é difícil e terrivelmente pessoal. No mundo físico você não pode ir entrando na vida dos outros bem como quiser. E o que é pior: se você não tomar uma iniciativa ninguém entra na sua. Para que alguma coisa aconteça é preciso de um levante. Se não for por levantes, rompantes, impulsos, tudo segue assim, numa leseira paralisante. (ÍNDIGO, 2008, p, 61)

Danilo comenta ainda que foi mudando com o tempo, houve o tempo de gritar com os pais, de birrar, chorar, falar pelos cotovelos. Em seguida foi constante, só pensando sem parar, mas ultimamente a vontade que tinha era de dar um *update* em sua personalidade. O décimo capítulo, “Duna”, tem em suas primeiras palavras a exclamação da mãe de Danilo pela manhã dizendo para ele acordar que o sistema de telefonia voltara a funcionar. A imagem mostra um garoto em cima de um camelo e ao fundo dunas de areia, sendo a paisagem um deserto. Danilo faz a associação de Duna como sendo uma duna de areia movediça que trará assim como ele diversos outros garotos, que como ele cairão devido ser um processo comum que tem se repetido e ainda continuará a se repetir. A alegria do pai pelo restabelecimento da conexão, ligando para os contratantes de shows, para a família, se atualizando é algo como um ufa, de alívio.

O importante é que Danilo aprendeu, o colapso durou o suficiente para que ele percebesse que a tela importante é a que você pinta diariamente com as pessoas no mundo real, e não apenas uma tela de suporte digital. O computador não é o mundo, ele apenas possibilita um mundo virtual. Danilo ao se conectar no MSN lê as mensagens que pipocam por todos os lados, “Estava morrendo de saudades! Falsos. Todos falsos, covardes e mentirosos. Duna está on-line.” Danilo restabelece a conversa com ela e tenta reatar de onde pararam, mas Duna não dá bola. Ele pergunta se ela ouviu o grito, ela demora a responder e por fim envia a seguinte mensagem: “Eu tb SUUUUUUPER te amo, Dani! Vc é um fofo querido!!! AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAMO!”. (ÍNDIGO, 2008, p, 66). Pode-se perceber a usual forma de se falar nas redes sociais que a autora procura trazer mostrando essa vertente virtual no impresso. Todavia as concepções de Danilo sobre o amor virtual agora se fixam claramente, e diz:

O amor que Duna tem por mim é amor de *scrap*. É amor de múltiplos “as” maiúsculos. Desses amores que só ganham força à base de *enteres* compulsivos. É amor de letrinhas. Duna jamais gritaria na rua que me ama. É um amor sem voz. Mas estou determinado a ver até onde vai essa hipocrisia. (ÍNDIGO, 2008, p. 66)

Danilo se dá conta da realidade e observa que o virtual não é tão real assim, porém é real o suficiente para provocar mudanças absurdas e destrutivas na vida de alguém, como também construtivas se bem utilizado. Danilo, após o colapso e restabelecimento da conexão, passa a observar o rosto das pessoas, os locais onde anda, como um preso que ao sair da prisão dá valor a cada mínimo detalhe da vida em liberdade. O colapso faz Danilo perceber que há um nível de igualdade, semelhança muito grande entre as pessoas, e ele se coloca como sendo o representante da sua faixa etária, todos passam por esses problemas identitários, amorosos. Danilo diz: “essas pessoas são reproduções de mim.” (ÍNDIGO, 2008, p, 31). A personagem está se referindo aos seus amigos de classe. Há uma tentativa da autora de trazer para dentro da obra o leitor, e fazer com que ele se coloque no lugar de Danilo.

O último capítulo, “Bumerangue”, trata do efeito “leseira mental”, que foi embora com o colapso e voltou com o restabelecimento da conexão. As pessoas quase já não lembram do colapso, pois ele virou uma “breve interrupção dos serviços de telefonia, logo será uma pequena falha, daqui a pouco ninguém vai mais lembrar.” (ÍNDIGO, 2008, p, 63). Entretanto, Danilo está focado, tem receio de cair novamente num “estado de leseira mental paralisante” (ÍNDIGO, 2008, p, 63). e não aproveitar sua vida. Ele fala de São Zacarias, o mudo, pai de João Batista, haja vista que Danilo tem vontade de ir passear no deserto em cima de um camelo, apenas andando, desconectado. Um fato importante é que em meio a essas

discussões, Danilo solta: *eu continuo Virgem*. Os dilemas infantojuvenis continuarão, caberá a ele saber lidar com eles agora. Às vezes Danilo abre o vidro antirruído do apartamento e grita para saber que ainda está livre e não ficar totalmente preso, mudo. Mauro que só podia olhar Raquel, depois de criar coragem e falar com ela recebe um prêmio, eles começam a namorar, o que faltava era uma iniciativa real, física. Não apenas o convite de uma web can, ou elogios virtuais. Faltava o contato. A imagem tema do capítulo mostra um rapaz, Danilo em frente ao computador, com a mensagem on-line, o que mostra que a conexão voltou e novamente ele está conectado.

CONCLUSÕES

Não há como abordar cada detalhe dessa obra tão vasta em temáticas e detalhes que contemplem o virtual que é o colapso dos bibelôs, mas aqui procurou-se observar como esse novo acervo impresso traz características e influências desse mundo virtual.

A amostra da pesquisa revelou a multiplicidade de temáticas desenvolvidas a partir do diálogo entre o literário e a cibercultura, o que retrata uma das estratégias do mercado editorial, bem como reforça o caráter híbrido da literatura infantil marcado pela textualidade constituída pelo verbal e o não verbal. Observou-se também que esse diálogo pode interferir na configuração do gênero narrativo como se nota na obra analisada.

É sabido que com a transmissão eletrônica as formas de produzir e ler foram bastante mutabilizadas. Dessa forma o suporte eletrônico redimensiona a condição do leitor que passa agora a ter papel essencial e atuante na construção do texto. Um claro exemplo da influência que tem os suportes virtuais, eletrônicos, é a configuração estética da presente obra analisada, que tenta mimetizar o meio virtual. Sobre as conclusões até aqui encontradas é possível destacar que a tendência do livro digital só tem crescido, assim como sua comercialização, mesmo sem muitos avanços de divulgação e aprimoramento nos últimos anos.

Mas o livro impresso continua sendo cada vez mais comercializado, tendo em vista a grande propaganda feita pelo livro digital. O leitor ainda gosta do papel, do contato. A produção impressa em sua maioria é a comercializada nas livrarias que fomentam as feiras de livros regionais e nacionais, bem como são as obras impressas que em grande parte são utilizadas pelas escolas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.). **Era uma vez na escola**: formando educadores para formar leitores. 2. Ed. Belo Horizonte: Formato, 2003.

ALENCAR, Jakson de (Orgs.). As ilustrações na literatura infantil: da alma das imagens à alma dos leitores. In: GOÊS, Lúcia Pimentel, ALENCAR, Jakson de (Orgs.). **A alma da imagem**: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores São Paulo: Paulus, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre a vida num mundo líquido-moderno. In: BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição: Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; Lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.] .4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nona Fronteira, 2000.

GOÊS, Lúcia Pimentel, ALENCAR, Jakson de. **A alma da imagem**: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores. São Paulo: Paulus, 2009.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

ÍNDIGO. **O colapso dos bibelôs**: Col. Rumos na rede. Ilustrações Thiago Cruz, Weberson Santiago, Klayton Luz. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2008. 71 p.

KHÉDE, Sônia Salomão (org.). **Literatura Infanto-juvenil**: um gênero Polêmico. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. Paulo: DCL, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil do leitor imersivo. São Paulo: Paullus, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** 2. ed. São Paulo: Senac, 2008.

ZILBERMAN, Regina. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. In: KHÉDE, Sônia S. (Org.). **Literatura infanto-juvenil**: um gênero polêmico. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.